

A atuação dos beneditinos fluminenses junto à Marinha à luz do capítulo sexto da Carta aos Efésios

The Performance of The Benedictines of Rio De Janeiro With the Navy in the Light of the Sixth Chapter of the Letter to the Ephesians

DOM MAURO MAIA FRAGOSO*

HÉLITON MARCONI DANTAS DE MEDEIROS **

Resumo: São Bento em sua *Regra* equipara o serviço monástico ao serviço militar e ao fundar o Mosteiro de Monte Cassino, dedica uma de suas capelas a São Martinho de Tours, protótipo do monge que deixando as fileiras da corporação militar passa a integrar a corporação monástica. A partir desse contexto beneditino, a proposta do presente artigo é vincular o capítulo 6 da Carta aos Efésios à atuação dos beneditinos fluminenses junto à Marinha do Brasil e, mais particularmente, a atuação de Dom Carlos Redomark Fernandes Souza na composição inicial do acervo artístico religioso da Capela dedicada à Nossa Senhora dos Navegantes, situada na Ilha de Villegagnon, na Baía da Guanabara. Dom Carlos Redomark, monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, em 1946, foi nomeado capelão militar da dita instituição, logo deu início à criação de uma capela e a constituição do seu acervo religioso, adquirindo diversas peças em nos diferentes países nos quais aportou ao longo da Viagem de Instrução no Navio Escola, durante o ano de 1951.

Palavras-chave: Dom Carlos Redomark. Capela de Nossa Senhora dos

* Dom Mauro Maia Fragoso, OSB é monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro; Doutor em Geografia na linha de pesquisa Cultura e Natureza pela UERJ; Mestre em Artes Visuais, na linha de História e Crítica da Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ; Especialista de Educação, pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna; graduado em Filosofia e Teologia e pós-graduado em História, pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro; diretor de patrimônio do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Contato: maurofragoso@gmail.com

** Héilton Marconi Dantas de Medeiros é Doutor em Comunicação Social pela PUC-RJ, Bacharel em Filosofia e Teologia. Contato: heliton@marinha.mil.br

Navegantes. Escola Naval do Rio de Janeiro. Arte. Beneditinos.

Abstract: Saint Benedict in his Rule equates monastic service with military service and, when founding the Monastery of Monte Cassino, dedicates one of its chapels to Saint Martin of Tours, prototype of the monk who, leaving the ranks of the military corporation, becomes part of the monastic corporation. From this Benedictine context, the purpose of this article is to link chapter 6 of the Letter to the Ephesians to the work of the Benedictines from Rio de Janeiro with the Brazilian Navy and, more particularly, the performance of Dom Carlos Redomark Fernandes Souza in the initial composition of the religious artistic collection of the Chapel dedicated to Nossa Senhora dos Navegantes, located on Villegagnon Island, in Guanabara Bay. Dom Carlos Redomark, monk of the Monastery of São Bento do Rio de Janeiro, in 1946, was appointed military chaplain of the said institution, soon began the creation of a chapel and the constitution of its religious collection, acquiring several pieces in different countries in the which he docked during the Instructional Voyage on the School Ship, during the year 1951.

Keywords: Dom Carlos Redomark. Chapel of Our Lady of the Navigators. Naval Academy of Rio de Janeiro. Art. Benedictines.

Carta aos Efésios – capítulo 6

1Filhos, obedçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo. 2“Honre seu pai e sua mãe” é o primeiro mandamento, e vem acompanhado de uma promessa: 3“para que você seja feliz e tenha vida longa sobre a terra.” 4Pais, não deem aos filhos motivo de revolta contra vocês; criem os filhos, educando-os e corrigindo-os como quer o Senhor.

5Escravos, obedçam aos seus senhores nesta vida, com temor e tremor, com simplicidade de coração, como a Cristo. 6Não sirvam somente quando vigiados ou para que os homens os elogiem, mas sejam como servos de Cristo, que cumprem de todo o coração a vontade de Deus. 7Sirvam de bom grado, como se servissem ao Senhor, e não a homens. 8Vocês sabem que cada um, escravo ou livre, receberá do Senhor o bem que tiver feito. 9Senhores, tratem seus servos do mesmo modo. Deixem

de lado as ameaças: vocês sabem que tanto eles como vocês têm o mesmo Senhor, que está no céu e não faz distinção de pessoas.[6,1-9]

A vida cristã é luta — 10Ademais, fortaleçam-se no Senhor e na força do seu poder. 11Vistam a armadura de Deus para poderem resistir às manobras do diabo. 12A nossa luta, de fato, não é contra homens de carne e osso, mas contra os principados e as autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal, que habitam as regiões celestes. 13Por isso, vistam a armadura de Deus para que, no dia mau, vocês possam resistir e permanecer firmes, superando todas as provas. 14Estejam, portanto, bem firmes: cingidos com o cinturão da verdade, vestidos com a couraça da justiça, 15os pés calçados com o zelo para propagar o evangelho da paz; 16tenham sempre na mão o escudo da fé, e assim poderão apagar as flechas inflamadas do Maligno. 17Coloquem o capacete da salvação e peguem a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. 18Rezem incessantemente no Espírito, com orações e súplicas de todo tipo, e façam vigílias, intercedendo, sem cansaço, por todos os cristãos. 19Rezem também por mim: que a Palavra seja colocada na minha boca, para anunciar ousadamente o mistério do Evangelho, 20do qual sou embaixador aprisionado. Que eu possa anunciá-lo com ousadia, como é meu dever.[10-20]

Saudações finais — 21Desejo que também vocês fiquem sabendo qual é a minha situação e o que estou fazendo. Tíquico, o irmão querido e fiel ministro no Senhor, dará todas as notícias. 22Eu o envio, para que vocês fiquem sabendo notícias nossas, e sejam reconfortados. 23Aos irmãos, a paz, o amor e a fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. 24A graça esteja com todos aqueles que amam nosso Senhor Jesus Cristo com amor perene.[21-24]

1 Regra de São Bento à luz do capítulo 6 da Carta aos Efésios

Ainda que a *Regra de São Bento* não se reporte diretamente à Carta aos Efésios, é possível fazer uma comparação entre os temas abordados entre esses dois textos. Além das referências militares no corpo da *Regra*, também é significativa devoção de São Bento por São Martinho de Tours, como se depreende do *Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório Magno* (1977, p. 55). Partindo dessa capela dedicada a São Martinho em Monte Cassino, essa

invocação hagiográfica tem sido uma constante na vida beneditina, como o mosteiro de Braga, Portugal, sede da extinta Congregação luso-brasileira.

Dentre os *Necrológicos* dos beneditinos falecidos no Rio de Janeiro, não raro, encontram-se menções desses indivíduos que deixaram as fileiras militares para ingressar na vida religiosa, como é o caso de Frei Manuel da Conceição que, depois de servir na praça de Marzagão, em Portugal, ingressou na abadia fluminense, onde faleceu aos 4 de outubro de 1778. Irmão Hildebrando Perugini ingressou no mosteiro em 1913 e ainda estudante, foi convocado para servir no exército italiano por ocasião da Primeira Guerra Mundial, falecendo em combate às margens do Rio Isonzo, aos 10 de junho de 1917.

1.1 *A instituição familiar englobando obediência aos maiores e educação dos filhos*

1Filhos, obedecem a seus pais no Senhor; pois isso é justo. 2“Honre seu pai e sua mãe” é o primeiro mandamento, e vem acompanhado de uma promessa: 3“para que você seja feliz e tenha vida longa sobre a terra.” 4Pais, não deem aos filhos motivo de revolta contra vocês; criem os filhos, educando-os e corrigindo-os como quer o Senhor.

Direcionada familiarmente ao candidato que deseja seguir a vida cenobítica, a *Regra de São Bento*, na voz do mestre e pai espiritual, tem início convidando o discípulo, denominando-o afetuosamente de filho, a escutar seus preceitos e executar eficazmente o conselho de um bom pai, o que implica obedecer de boa vontade e com isso aproximar-se do Senhor com maior intimidade (*Regra de São Bento*, Prólogo 1-2). No capítulo 4 (8), ao abordar o decálogo, o texto beneditino substitui o compromisso de honrar pai e mãe por honrar todos os homens. Por outro lado, essa palavra do decálogo está relacionada à constituição familiar que por sua vez está vinculada ao segundo capítulo do livro do Gênesis (24) no que diz respeito à união de um homem e uma mulher como constituição de uma família. Esse mesmo preceito de constituição familiar e honra prestada ao genitores, à luz das Sagradas Escrituras, é possível entender o honrar todos os homens da Regra de São Bento com estabelecimento de um vínculo familiar instituído não por laços

consanguíneos, mas por uma livre adesão à uma família religiosa selada pelo sangue de Cristo.

Continuando no texto da Carta aos Efésios, o hagiógrafo prevê como consequência desse bom relacionamento familiar a vivência de dias felizes sobre a terra. Como que parafraseando o citado texto dirigido aos Efésios, a *Regra* beneditina (Prólogo 45) estabelece a família nos moldes de uma escola dedicada ao serviço do Senhor. No que tange ao ser feliz e ter vida longa sobre a terra, a mesma *Regra* (Prólogo 36;72,12) relaciona os dias sobre a terra a um prolongamento das oportunidades de bem se preparar para o encontro definitivo com o Senhor, quando então o monge encontrará não mais uma felicidade passageira na face da terra, mas sim a felicidade eterna. Ainda no tocante ao bom relacionamento, a Carta aos Efésios adverte aos pais para que não deem aos filhos motivo de revolta contra os genitores, mas criem os filhos, educando-os e corrigindo-os como quer o Senhor. Já a *Regra de São Bento* diz no Prólogo (46-49) que espera nada estabelecer na escola de serviço do Senhor que seja áspero ou pesado, mas se acaso aparecer alguma coisa mais rigorosa por motivo de equidade, que o candidato não se exaspere, pois com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e percorre o caminho dos mandamentos de Deus com inenarrável doçura de amor. Em conformidade com o texto epistolar, a *Regra* (30) prevê igualmente a correção dos menores.

1. 2 O regime escravocrata no âmbito cristão

5Escravos, obedeçam aos seus senhores nesta vida, com temor e tremor, com simplicidade de coração, como a Cristo. 6Não sirvam somente quando vigiados ou para que os homens os elogiem, mas sejam como servos de Cristo, que cumprem de todo o coração a vontade de Deus. 7Sirvam de bom grado, como se servissem ao Senhor, e não a homens. 8Vocês sabem que cada um, escravo ou livre, receberá do Senhor o bem que tiver feito.

O regime escravocrata foi uma constante na sociedade humana desde a sua mais remota origem, é abordado em diversos pontos das Sagradas Escrituras, sobremaneira nos textos paulinos e esteve presente entre os beneditinos do Rio de Janeiro entre os séculos XVI e XIX (FRAGOSO). Considerando-se os aproximados 480 anos transcorrido entre a morte de São Paulo, supostamente no ano de 67, e a de São Bento, no ano de 547, é possível perceber uma certa evolução no que concerne ao sistema escravocrata. São Paulo recomenda aos cativos que obedeçam aos seus senhores temporais, ao passo que a Regra de

São Bento (2,16-18;476) aborda o tema de maneira abrangente e inclusiva apregoando não haver no mosteiro distinção de classe social, que o abade não faça distinção de pessoa, que não anteponha o nascido livre ao de condição servil e lembra ainda que no final da vida terrena, todos – escravos ou livres – receberão do Senhor a recompensa não segundo à sua condição social, mas sim, segundo os méritos de cada um ao longo da vida terrena.

1.3 A vida cenobítica como escola de luta contra o maligno

A vida cristã é luta — 10Ademais, fortaleçam-se no Senhor e na força do seu poder. 11Vistam a armadura de Deus para poderem resistir às manobras do diabo. 12A nossa luta, de fato, não é contra homens de carne e osso, mas contra os principados e as autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal, que habitam as regiões celestes. 13Por isso, vistam a armadura de Deus para que, no dia mau, vocês possam resistir e permanecer firmes, superando todas as provas. 14Estejam, portanto, bem firmes: cingidos com o cinturão da verdade, vestidos com a couraça da justiça, 15os pés calçados com o zelo para propagar o evangelho da paz; 16tenham sempre na mão o escudo da fé, e assim poderão apagar as flechas inflamadas do Maligno. 17Coloquem o capacete da salvação e peguem a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. 18Rezem incessantemente no Espírito, com orações e súplicas de todo tipo, e façam vigílias, intercedendo, sem cansaço, por todos os cristãos. 19Rezem também por mim: que a Palavra seja colocada na minha boca, para anunciar ousadamente o mistério do Evangelho, 20do qual sou embaixador aprisionado. Que eu possa anunciá-lo com ousadia, como é meu dever.[10-20]

Como na Carta aos Efésios, a luta contra o maligno é mencionada em diversas outras perícopes das Sagradas Escrituras. Sendo a *Regra de São Bento* uma proposta de itinerário espiritual compilada a partir dos Livros Sagrados, essa referida luta contra o maligno é apresentada no já capítulo 1 (4-5) ao abordar o cenobitismo com o gênero de vida proposto pela mesma *Regra* à semelhança de um campo de batalha onde os monges, na presença de outros irmãos, aprendem a lutar contra o Demônio. Aliás, já o *Prólogo* (3) adverte ser essa opção de vida uma espécie de vida militar que tem por armas a obediência e por comandante, o Cristo Senhor, verdadeiro Rei. Com efeito, a palavra militar e derivados aparecem outras quatro vezes. Ainda *Prólogo* (40) diz ser preciso preparar os corações e os corpos para militar na

santa obediência dos preceitos. O capítulo 1 (2), ao apresentar os gêneros de monges, diz ser o monasterial ou dos cenobitas, a quem à *Regra* se dirige, ser esse gênero de monges, o que milita sob uma Regra e um abade. O capítulo 58 (10) ao tratar da maneira de receber os candidatos à vida cenobítica, diz para que se lhe apresente a *Regra* sob a qual pretende militar. Em continuidade, a mesma *Regra* (61,10) diz que em todo lugar se serve a um só Senhor e milita-se sob um só Rei.

Contextualizando a atuação dos beneditinos do Rio de Janeiro e a perícope selecionada, os referidos religiosos decidiram criar o Abrigo do Marinheiro a fim de proteger os jovens marujos de missionários provenientes dos Estados Unidos que infestavam o país com malignas heresias.

2 O abrigo do Marinheiro

Como visto acima, em seu corpo textual, a *Regra de São Bento* se vale cinco vezes da palavra *militar*. A princípio, a utilização desse vocábulo está vinculado à vida cenobítica à semelhança de valentes guerreiros que lutam por causas terrenas, enquanto os monges lutam por causas celestes. De uma maneira ou de outra, desde o alto de Monte Cassino até às margens da Baía da Guanabara, as comunidades beneditinas, ora mais ora menos, direta ou indiretamente, estiveram envolvidas com as instituições militares. O convívio dos beneditinos do Rio de Janeiro com os militares, em particularmente os da Marinha, tem sido frequente. Desde a sua instalação na ermida de Nossa Senhora da Conceição, por volta de 1590, o relacionamento entre beneditinos e oficiais da Marinha tem variado de acordo com o tempo e as circunstâncias. Em 1711, juntaram-se uns aos outros contra a invasão francesa liderada por René Duguay-Trouin. Com a chegada da Corte portuguesa, em 1808, a Abadia fluminense abrigou a Academia Real de Guardas-Marinha – correspondente à atual Escola Naval – que ali permaneceu até 1839. Após a Independência, o Mosteiro abrigou igualmente diversos batalhões do Exército (ERMAKOFF, 2016). Devido à proximidade entre a Abadia e as instalações da Marinha, a necessidade de diálogo foi uma constante. Embora, nem sempre amistoso.

Com o fechamento do noviciado em 1855, a comunidade beneditina entrou em declínio. No ano de 1903, restava apenas o abade Frei João das Mercês Ramos, quando então, chegou ao Rio de Janeiro a comitiva encarregada de restaurar o cenóbio fluminense sob a direção de Dom Gerardo van Caloen. A restauração estava a cargo da Congregação Beneditina de Beuron. Assim, com monges provenientes dessa Congregação alemã, iniciava-se o soerguimento

da comunidade beneditina na capital Federal em conformidade com a cultura germânica e os mais recentes acontecimentos daquele país.

Em 1919, por iniciativa da comunidade beneditina e de oficiais da Marinha de Guerra organizou-se o Abrigo do Marinheiro, com o objetivo protegê-los de missionários estadunidenses que, com seitas contrárias à fé católica, ingressavam com proselitismo na Capital Federal. Conforme os *Estatutos do Abrigo do Marinheiro* de 1919, a sede dessa instituição foi instalada provisoriamente nas dependências do Mosteiro. Já as *Crônicas* beneditinas de 1922 corroboram tal informação, tendo sido o Abrigo instalado no segundo pavimento do edifício adjacente à escadaria que se tem acesso pela Rua Primeiro de Março, no qual encontrava-se em funcionamento a Escola Popular. Naquele ano foram matriculados 1.400 marujos, proporcionando-lhes ocasião e local para recreios inocentes e instrutivos, instrução religiosa e ensino de diversas matérias úteis, administradas por oficiais da Marinha, particularmente graças aos esforços do Capitão de Mar e Guerra, Comandante Amâncio dos Santos; do Capitão Tenente Eugênio; e do Tenente Amilcar, aos quais, principalmente, se devem os sucessos já alcançados. Os marujos mostravam-se dóceis e agradecidos pelos esforços a eles dispensados, tanto da parte dos monges, como da parte dos oficiais e davam motivo justo às mais lisonjeiras esperanças. Não obstante a essa convivência amistosa, na madrugada de 6 de julho de 1922 (*Crônica*, f. 5-8), a semelhança do que havia acontecido em 1910, o Mosteiro tornou-se um dos epicentros bélicos contra o governo federal.

Como se lê na *Escritura de contrato de empreitada* entre o Mosteiro e o arquiteto Andréa Giorano, no ano de 1928, deu-se início à futura instalação definitiva do Abrigo do Marinho, com quatro pavimentos, na Rua Dom Gerardo, junto à The Rio de Janeiro City Improvements Company, de acordo com as plantas aprovadas pela Diretoria de obras municipais. Contudo, já desde os inícios, percebeu-se que a companhia construtora não executava a obra com a perfeição desejada. A isso, assomavam-se as dificuldade financeiras do Mosteiro, acarretando na interrupção da obra, como se lê no relatório de 1931.

Não obstante a Carta ao Efésios e a *Regra de São Bento* falarem continuamente de luta, os primeiros *Estatutos do Abrigo do Marinheiro* (1919), as *Crônicas* do Mosteiro e a coleção de fotografias (1, 2, 3, 4) do acervo beneditino deixam transparecer o espírito de alegria que moviam os marujos nas festividades com suas apresentações musicais integrados aos alunos do Ginásio de São Bento, da Escola Noturna São José e da Escola Popular São

Bento. Com efeito, uma das cláusulas do *Estatuto* inclui a formação musical dos matriculados no Abrigo do Marinheiro (1919, Capítulo V, Artigo 27 b).



Fotografia 1 – Abrigo do Marinheiro, Acervo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.



Fotografia 2 – Abrigo do Marinheiro, Acervo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.



Fotografia 3 – Abrigo do Marinheiro, Acervo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.



Fotografia 4 – Pátio esportivo, paralelo à Casa de Emaús e onde posteriormente foi construída a piscina do Colégio São Bento, Acervo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

3 A fotografia no âmbito das artes visuais e registros fenomenológico no acervo beneditino fluminense

Como o narrado por Alberto Manguel (2001, p. 89) a tentativa de reprodução da figura humana remonta à era pré-cristã. Contudo, ao longo do século XIX, com o desenvolvimento das técnicas fotográficas, que esse anelo foi mais aprimorado e, então, possibilitou a reprodução de objetos em geral, mas sobremaneira do corpo humano na sua maior perfeição.

O Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro possui um acervo fotográfico composto por milhares de fotografias realizadas por diversos fotógrafos e amadores. Dentre esses amadores encontra-se considerável número de monges, amigos e familiares dos mesmos. Os temas fotografados são os mais variados possíveis, incluindo fotografias individuais ou coletivas de monges, de alunos das diversas instituições educacionais mantidas pelo Mosteiro, de celebrações litúrgicas, edificações, fauna e flora, tanto do próprio Mosteiro como de suas casas dependentes, bem como de viagens nacionais e internacionais. As fotografias estão catalogadas ora como acervo geral, ora como acervo particular dos respectivos religiosos e ainda referentes a determinados setores do Mosteiro.

No referido acervo fotográfico há significativo número de pessoas e eventos fotografados, não identificados e atualmente desconhecidos pela hodierna comunidade beneditina fluminense. Ao longo dos tempos, alguns beneditinos, conhecedores das pessoas e dos temas fotografados quiseram identificá-los escrevendo sobre as imagens, fato nem sempre bem aceito por todos, mas de fundamental importância para o resgate da memória.

Nos primeiros anos do século XX, com as pesquisas do Professor Edmund Russerl, despontava-se na Alemanha a corrente filosófica denominada fenomenologia. Orientada pelo mesmo Professor Russerl e seguindo as pegadas da fenomenologia, em 1916, três anos antes da fundação do Abrigo do Marinheiro (1919), Edith Stein (2004, p. 62, 75), havia defendido sua tese de doutoramento abordando *O problema da empatia*. Analisando o relacionamento entre indivíduos, Stein fala do relacionamento entre *corpos vivos*. Partindo do argumento da empatia vivenciada por corpos vivos, o objetivo desse artigo é ampliar o conceito de corpo individual para Corpo Místico de Cristo, considerando os beneditinos fluminenses como membros integrantes desse mesmos Corpo Místico que se prolonga na *trama da natureza* até chegar à identificação de algumas fotografias a partir da interação de uma pessoa sobre o registro fotográfico realizado por outra. Neste sentido,

é possível considerar ainda o que Stein (2004, p. 74) diz *ser a criação algo que não é*. Em relação às fotografias aqui discutidas, a referida criação ou mesmo ousadia de identificá-las escrevendo sobre as imagens, pode ser considerada uma criação no sentido de trazer à luz o conhecimento acerca de uma imagem então desconhecida por outras pessoas. Embora não aprovada por todos, essa interferência nas fotografias é de vital importância na salvaguarda da memória pela sua identificação. Há de considerar-se que uma imagem não identificada pode não significar nada para o espectador, ou induzi-lo à uma interpretação errônea, podendo comprometer a informação do registro fotográfico.

4 Dom Carlos Redomark e a Capelania da Escola Naval

Em meados do século XX, a assistência espiritual dos beneditinos às corporações da Marinha do Brasil foi uma constante na Capital Federal, como pode ser visto nos livros de assentamento de *Batizados e Casamentos celebrados pelo Capelão na Ilha das Cobras*, entre os anos de 1918 e 1942. Durante esse período, os referidos sacramentos foram ministrados por Dom Leão Dias Pereira, Dom Henrique Eismann, Dom Odilon Hammer, Dom Adalberto Kaufmehl, Dom Pio Ziegenaus, Dom Martinho Büchele, Dom Wilibrordo Biedermann, Dom Clemente Maria Grieshaber, Dom Romualdo Vogel, Dom Bento Martins



Fotografia 5 – Dom Carlos Redomark,
Acervo Mosteiro de São Bento
do Rio de Janeiro.

dos Santos, Dom Afonso Maria Weiger, Dom Bonifácio Plum, Dom Lamberto Braun, Dom Pedro Candiota, Dom Tarcísio da Silva Ferreira, Dom Gerardo Martins, Dom Alberto (Gonçalves Ferreira) e Dom Hilário Leite de Macedo. Segundo a *Crônica* de 1930 (janeiro a outubro, f. 3-4), Dom Henrique Eismann, Dom Odilão Moura e Dom Lamberto Braum atuaram na capelania do Hospital Central da Marinha, na Ilha das Cobras. Naquela mesma década, atuaram igualmente no mesmo Hospital Dom Wilibrordo Biedermann (*Necrológio*) e Dom Martinho Büchele. Contudo, a proeminência da assistência espiritual coube a Dom Carlos Redomark (Fotografias 5 e 6) junto à Escola Militar situada na Ilha de Villegagnon.

Redomark Fernandes de Sousa nasceu em Maxambomba, atual Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, aos 30 de setembro de 1905, filho de Manoel José Fernandes de Souza e Francisca de Almeida Souza. Foi batizado na Matriz de Santo Antônio de Jacutinga, aos 2 de janeiro de 1906, recebendo o nome de Redomark. Em 1920 ingressou no Seminário São José da Arquidiocese de Niterói, onde permaneceu até julho de 1922, quando então, passou ao Seminário Menor de Pirapora, no Estado de São Paulo. De volta ao Rio de Janeiro, em 1924, ingressou como oblato na Escola Claustal da Abadia de Nossa Senhora do Monserrate, de onde passou ao noviciado no dia 7 de dezembro de 1928, recebendo por padroeiro onomástico o insigne reformador tridentino, São Carlos



Fotografia 6 – Dom Carlos Redomark, Acervo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

Borromeu. Na dita Abadia cursou Filosofia durante os anos de 1930 e 1931. Já o curso de Teologia cursou-o em dias etapas: a primeira na Casa de Estudos da Congregação Beneditina do Brasil, instalada no Alto da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro. Recebeu a ordenação sacerdotal aos 4 de abril de 1937, das mãos de Dom Benedito Paulo Alves de Souza e, já como sacerdote, foi enviado à Abadia de Niño Dios, na Argentina, onde completou seus estudos teológicos.

De volta ao Rio de Janeiro, lecionou lecionar Português, Religião, Latim, História, Ciências Físicas e Naturais no Ginásio São Bento. No ano de 1942 atuou no Mosteiro de Mussurepe, em Campos dos Goytazes, servindo na cura de almas (*Necrológio de Dom Carlos Fernandes de Sousa*). Em 1946 (*Cônica*, f. 2) Dom Carlos Redomark foi nomeado Capitão-Tenente da Escola Naval, situada na Ilha de Villegagnon, tornando-se o primeiro Capelão Naval do período republicano. Como Capelão Naval exerceu inicialmente suas atividades no Encouraçado Minas Gerais e no Navio Escola Guanabara. Em 1951, embarcou no Navio Escola Almirante Saldanha, a fim de realizar viagem de instrução de guardas-marinha, onde deixou muitos exemplos de dedicação, empenho e entrega total ao serviço dos que lhes foram confiados, contribuindo com sua orientação segura e pastoral, para o sucesso da comissão e amenizando as adversidades das grandes travessias e da separação dos entes queridos. No ano seguinte, 1952, no Pátio Inhaúma, Ilha de Villegagnon, fez

construir uma capela dedicada à Mãe de Deus, sob a invocação de Stella Maris, adquirindo então como efígie de orago um óleo sobre tela, de autoria do pintor Carlos Oswald (Fotografia 7).



Fotografia 7 – Stella Maris, Carlos Oswald, Óleo sobre tela, 1952.

As demais peças que constituem o acervo da *Capela da Escola Naval* (Sem data) foram adquiridas em diversos países por onde passou, no ano de 1951, durante sua viagem de instrução no Navio Escola Almirante Saldanha. Dentre as diversas aquisições que se encontram inscritas no *Livro de tomo* (f. 17), destacam-se pela quantidade e autoria as peças adquiridas no ateliê do artista plástico Gabriel Loire, situado em Chartres, na França. Dentre as obras reconhecidamente desse artista francês estão: seis vitrais retratando cenas bíblicas – Anunciação do Anjo Gabriel à Virgem Maria (Fotografia 8), Natividade de Jesus (Fotografia 9), Jesus perdoa a pecadora, Maria visita Santa Isabel (Fotografia 10), Jesus cura o paralítico e Jesus aplaca a tempestade (Fotografia 11) –; os dois mosaicos retratando os patronos militares – São Sebastião e Santa Joana D’Arc (Fotografia 12 e 13); e as 14 estações da Via Sacra (Fotografia 14), relevo por pirografia em madeira.



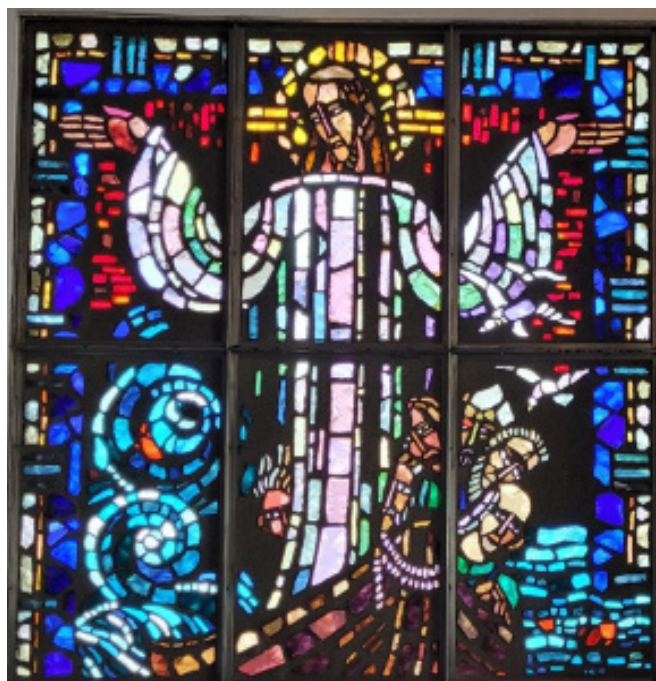
Fotografia 8 – Anúncio do Anjo Gabriel à Virgem Maria, Gabriel Loire, Vitral, 1951.



Fotografia 9 – Natividade de Jesus, Gabriel Loire, Vitral, 1951.



Fotografia 10 – Jesus perdoa a pecadora, Gabriel Loire, Vitral, 1951.



Fotografia 11 – Jesus aplaca a tempestade, Gabriel Loire, Vitral, 1951.



Fotografias 12 e 13 – São Sebastião e Santa Joana D'Arc, Gabriel Loire, Mosaicos, 1951.



Fotografia 14 – Via Sacra Simão Cirineu ajuda Jesus, Gabriel Loire, Relevo em madeira, 1951.

Quanto às demais peças, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, esculpida em madeira, foi oferecida pela Escola Naval da Argentina (Fotografia 15); o ícone bizantino da Virgem Santíssima com o Menino Jesus (Fotografia 16), veio de Jerusalém e foi iconografado por uma monja russa. O mesmo *Livro do tobo*, sem precisar, diz ainda que os castiçais, candelabros, alfaias e objetos litúrgicos vieram de Barcelona, Paris, Itália, Cilão e outras localidades. Já outras fontes arquivísticas dizem que o sacrário (Fotografia 17), a cruz do altar, os seis castiçais (Fotografia 18), as quatro arandelas em bronze e a arandela em prata com distintas pedras coloridas vieram da Espanha (Fotografia 19). O altar é uma réplica do altar de Santa Sofia em Istambul, na Turquia (Fotografia 20). Outros bens integrados foram acrescentados ao longo dos anos, como a lâmpada do sacrário (Fotografia 21, 23 e 23) o lustre. A Capela constitui-se num marco de conservação da memória dos trabalhos prestados por Dom Carlos Redomark à Escola Naval.



Fotografia 15 – Nossa Senhora Stella Maris, Autor desconhecido, Escultura em madeira, 1951.



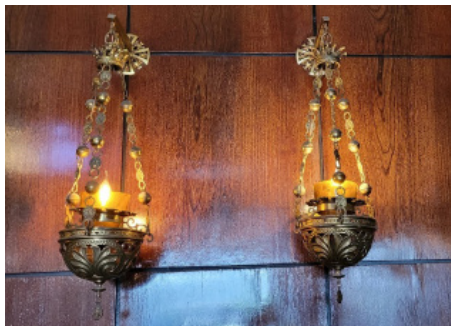
Fotografia 16 – Vigem Santíssima com o Menino Jesus, Ícone bizantino, 1951.



Fotografia 17 – Sacrário, Madeira e metal, 1951.



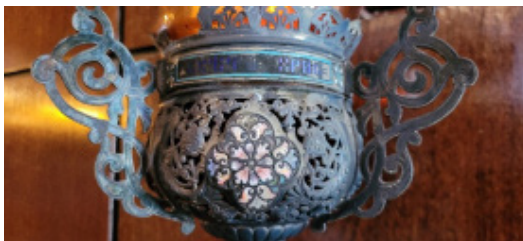
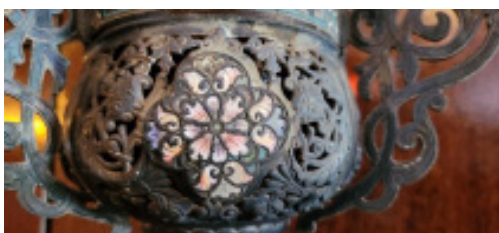
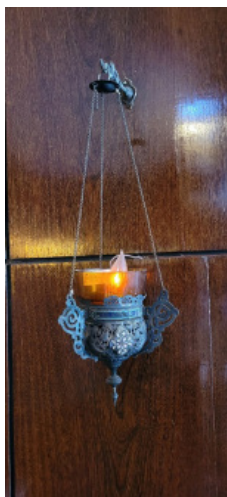
Fotografia 18 – Castiçal em bronze, 1951.



Fotografia 19 – Arandela em bronze, 1951. Metal e esmalte, século XX.



Fotografia 20 – Altar em madeira, 1951.



Fotografias 21, 22 e 23 – Lâmpada do sacrário, Metal e esmalte, século XX.



Fotografia 24 - Capela Stella Maris, Escola Naval, Ilha Villegagnon, Rio de Janeiro, Segunda metade do Século XX. Fotografia Rogério Reis / Tyba.

Após alguns anos do falecimento de Dom Carlos Redomark, ocorrido aos 21 de agosto de 1962, por meio de Portaria Ministerial, o então Ministro da Marinha, Henrique Saboia, o constituiu Patrono do Quadro de Capelães Navais, fixando o dia 30 de setembro como data comemorativa, em lembrança de seus grandes feitos. Para manter sempre viva sua memória e seus feitos, a cada ano, o Dia do Capelão Naval é comemorado no Mosteiro de São Bento com a presença dos capelães, autoridades e militares navais. Após a missa em ação de graças, celebrada na igreja abacial, os participantes se dirigem ao claustro do Mosteiro e junto à sepultura de Dom Carlos, rendem-lhe suas homenagens anuais.

Referências

- CAPELA da Escola Naval.** Rio de Janeiro: Marinha do Brasil / Escola Naval, sem data.
- CÓDICE 1227** – Batizados celebrados pelo Capelão na Ilha das Cobras. Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Manuscrito, 1918 a 1942.
- CÓDICE 1228** – Casamentos celebrados pelo Capelão na Ilha das Cobras. Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Manuscrito, 1919 a 1942.
- CRÔNICAS.** Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Século XX.
- ESTATUTOS do Abrigo do Marinheiro.** Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1919.
- GREGÓRIO Magno. **São Bento – vida e milagres.** Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1977.
- LIVRO de tombo.** Capelania Escola Naval: Rio de Janeiro. Manuscrito.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NECROLÓGIO.** Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.
- STEIN, Edith. **El problema de la empatía.** Madrid: Editorial Trotta, 2004.

Como citar:

FRAGOSO, Dom Mauro Maia; MEDEIROS, Héilton Marconi Dantas de. A atuação dos beneditinos fluminenses junto à Marinha à luz do capítulo sexto da Carta aos Efésios. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 101-122. 2023. DOI:<http://dx.doi.org/10.31607/coletaneav22i43-2023-4>